

TRABALHO

Ruturas A subida do desemprego na Europa, em especial em países como Espanha ou Portugal, e afetando grandemente os mais jovens

Desempregados numa

Texto **PAULO PAIXÃO**
Foto **JOSÉ VENTURA**

os lunes al sol” (segundas-feiras ao sol), filme de Fernando León de Aranoa, fez no início do século (2002) uma radiografia muito impressionante do desemprego em Espanha. O país liderava então as estatísticas europeias — e o mesmo acontece hoje, com uma taxa esmagadora, de 22,9%. Outros estados, com Portugal (13,6%) no pelotão da frente, estão bem acima da média comunitária, o que levou ao anúncio de medidas na cimeira desta semana (ver caixa). A década é outra, mas o filme é o mesmo.

Os números de Espanha — 5.273.600 “parados”, mais do que todos os portugueses com trabalho —, amplificados pela proximidade geográfica, dão muito que pensar. Até onde pode um país aguentar o desemprego? A pergunta fica sem uma resposta única, mas deixa pistas sólidas.

“Muito provavelmente, por cá, atingiremos os 20%, e não tarda muito”, afirma Aurora Teixeira, professora de macroeconomia na Universidade do Porto. Quanto poderá tardar isso? “Menos de meio ano”, diz. “É um cenário um bocado dantesco”, reconhece, mas natural. “Muitas pequenas empresas de comércio e restauração vão fechar”, até por causa do aumento do IVA.

No *interface* ideal para avaliar os números nos países ibéricos está Pedro Maia Gomes, professor na Universidade Carlos III, de Madrid. “Não acredito que Portugal chegue aos níveis de Espanha, mas talvez ainda não tenha atingido o seu limite, que deve estar perto dos 15%.”

José Reis, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considera que os dois países, “cada um a seu modo, já ultrapassaram o admissível”, no caso espanhol mesmo “gravemente”. De resto, furtando-se a traçar fasquias, o economista salienta que “o desemprego elevado” é “um sinal grave de autodegradação” de um país.

A “violência” da taxa atual — e com “tendência para a subida” — é destacada pelo sociólogo Carlos Gonçalves, da Universidade do Porto. Já calcular os limites é outra coisa... “Não há resposta para isso. A situação é muito grave, mas do ponto de vista eticocientífico não lhe posso responder.”

Novos rostos no flagelo

O filme de Aranoa, premiado pela crítica, mostra a devastação, social e psicológica, gerada pela reconversão industrial no Norte de Espanha (Galiza e Astúrias), onde o fecho de estaleiros navais deixou sem trabalho e perspectivas milhares de operários.

Espanha com medo dos seis milhões

Com o fim da bolha imobiliária, que alimentava muitas outras indústrias (como transportes ou mobiliário), o desemprego subiu a pique e ameaça bater recordes

O horizonte dos seis milhões de desempregados em Espanha não é hoje, à vista dos dados oficiais, uma quimera alimentada por pessimistas crónicos. Para os especialistas, já nem sequer há tempo para que o efeito das reformas laborais que o recém-empossado Governo de Mariano Rajoy está prestes a pôr em marcha neutralize o imparável aumento do número de desempregados.

DECISÕES DO CONSELHO EUROPEU

EMPREGO JOVEM

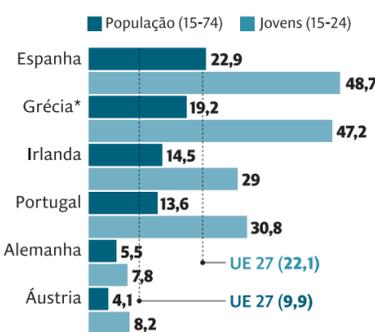
Ao fim de poucos meses após a conclusão dos estudos todos os jovens têm de receber uma oferta de emprego, formação ou estágio. As verbas não utilizadas do FEDER e do Fundo Social Europeu, que totalizam €88 mil milhões, deverão ser afetadas a programas de inserção profissional. A rede europeia de emprego EURES deve ser explorada ao máximo para facilitar a colocação noutros países. Oito Estados com os valores mais altos de desemprego jovem, incluindo Portugal, vão receber técnicos da Comissão para ajudar na definição, até abril, de planos de promoção de emprego

APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS

Vai ser reforçado o papel do Banco Europeu de Investimento no apoio às pequenas e médias empresas, que poderão usar os fundos estruturais como garantia bancária

TAXA DE DESEMPREGO

Em percentagem



* Outubro de 2011

Dados para os quatro países com desemprego mais elevado. Alemanha e país com menos desemprego (Áustria)

FONTE: EUROSTAT, DEZEMBRO DE 2011

Santa, interpretado por Javier Bardem, ex-sindicalista de meia-idade, espelhava o drama: o mercado que o expulsou recusava-lhe qualquer hipótese de reciclagem.

Uma década volvida, o rosto do flagelo em Espanha — como de resto em toda a UE, onde um em cada cinco dos 23, 8 milhões de desempregados tem menos de 25 anos — bem pode ser o de Elena Martínez. O problema em maior evidência já não é a reconversão profissional, mas a entrada no mercado. Com habilitação para ser professora de educação física, sobrevive dando explicações. A jovem, cuja história foi contada pelo “El País”, é uma atleta (corre os 400 metros e os 400 metros barreiras, sendo nesta disciplina uma das melhores do seu país). E se o desporto fez dela velocista, o resto da vida tornou-a já, apesar de só ter 22 anos, uma corredora de fundo. Por 509 vezes enviou o currículo em busca de emprego; na volta do correio, nem uma resposta para amostra. Mas Elena salta o desânimo: voltou à universidade, para poder ser professora de inglês.

Os limites dentro da família

Nos pontos de rutura que se anunciam — dois cônjuges no desemprego, por exemplo —, a primeira mocha ocorrerá sempre no plano económico, pois a sociedade encontrará almofadas (apoio da família, informalidade, emigração). “Uma taxa de 20% de desemprego seria insustentável do ponto de vista da economia. Mas é sustentável no plano social”, diz Aurora Teixeira, para quem “a panela não rebenta, pois há escapes”.

Pedro Maia Gomes e Carlos Gonçalves destacam a “entreaajuda familiar”. Uma “característica dos países do sul da Europa”, nota Gomes, que é “uma forma de seguro”. Mas por outro lado, ressalva Gonçalves, mesmo acompanhada pelo apoio de instituições de solidariedade ou pelo recurso a pequenos trabalhos à margem da economia oficial (como o regresso à agricultura de subsistência), “as almofadas são muito relativas e dependem do contexto social e regional”. Já o apoio do Estado, por cá, como se sabe, diminui (subsídios menores e mais curtos, embora abrangendo mais casos).

Aurora Teixeira alerta que nem tudo está adquirido para sempre. “Há uns três anos, a almofada familiar era uma realidade. Mas hoje todas as gerações estão com dificuldades. Os avós que então ajudavam os netos têm agora cortes nas pensões.”

No fundo, a resistência ao embate passa também, e desde sempre, pelo indivíduo. “Assistir ao fecho de empresas causa danos psicológicos, pois traz à memória situações de desespero social”, diz a economista. “Na cabeça das pessoas fica a martelar uma ideia: os próximos podemos ser nós.”

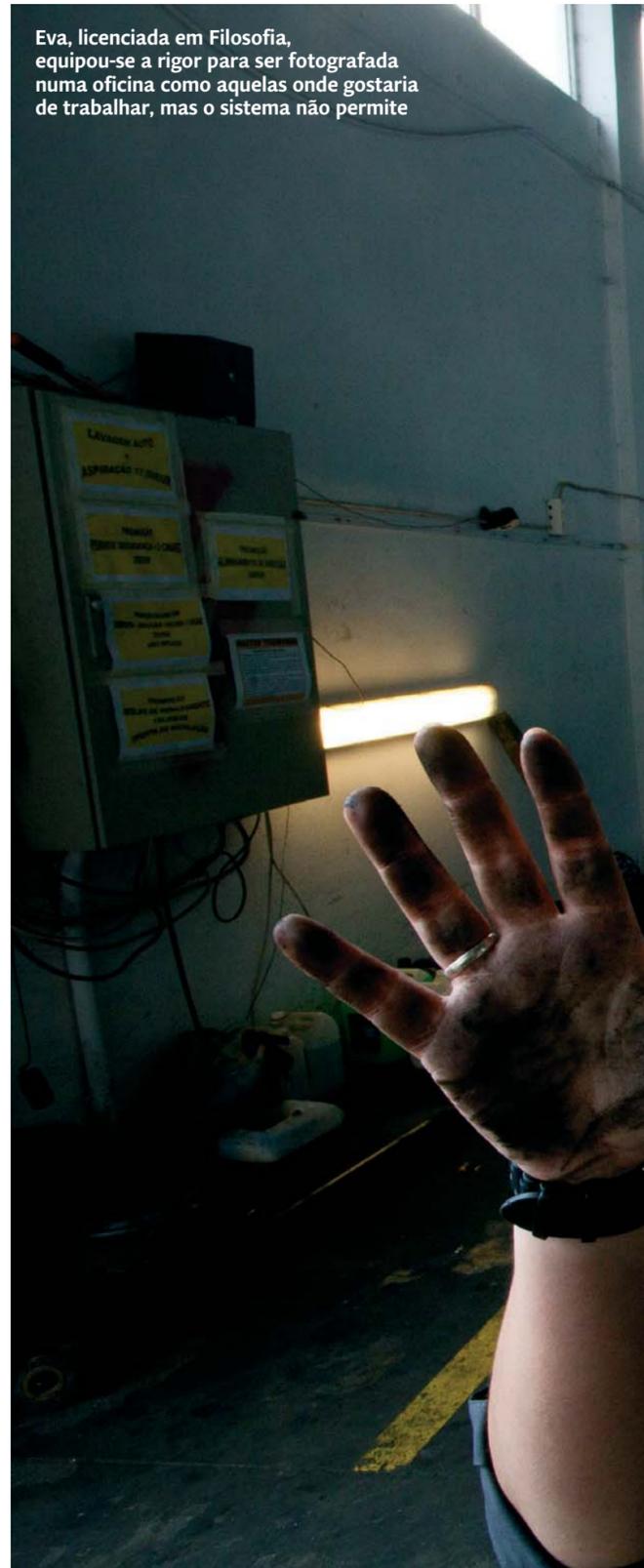
ppaixao@expresso.imprensa.pt

plosão social? Segundo os especialistas, pela soma e interligação de três fatores decisivos: a solidez da estrutura familiar, que permite mecanismos de solidariedade fundamentais; a existência de uma economia paralela que chega, provavelmente, aos 23% do PIB regular; e a permanência dos sistemas de cobertura que asseguram subsídios de desemprego de até 18 meses, complementados depois com prestações para desempregados de longa duração, rendimentos de inserção social... O pior papel é desempenhado neste drama pelo segmento mais jovem da população espanhola: um em cada dois jovens está sem trabalho (48,5%), mais do dobro da média europeia.

Ainda que os sistemas de medição tenham variado de forma radical desde então, é preciso recuar a 1995 para encontrar em Espanha números parecidos. A partir daí, o aparecimento da bolha imobiliária e a febre da construção, tanto no sector privado como no público, produziu muitas ofertas de emprego. Rebentada a bolha, chegou-se à trágica situação atual.

ANGEL LUIS DE LA CALLE
correspondente em Madrid

Eva, licenciada em Filosofia, equipou-se a rigor para ser fotografada numa oficina como aquelas onde gostaria de trabalhar, mas o sistema não permite



Um licenciado

Eva Monteiro tirou Filosofia. Sem emprego, decidiu ser mecânica. Mas já não pode fazer um curso profissional. Só porque é licenciada

Ter habilitações a mais para um emprego é uma frase batida na experiência de milhares de diplomados que procuram trabalho. Já ter excesso de qualificações para poder tirar um curso e aprender uma profissão é algo de mais estranho e que Eva Monteiro, 26 anos, licenciada e no desemprego, nunca esperou ouvir.

“Nunca tive ilusões em relação ao facto de o curso de Filosofia não garantir saídas profissionais. O que

nunca pensei foi que uma licenciatura fechasse portas”, diz. “Que sentido faz estar em casa a receber um subsídio de desemprego, em época de crise económica, quando podia estar a meio de um curso profissional e, quem sabe, já a trabalhar? Como eu, há mais licenciados dispostos a explorar novas opções. Pessoas que sabem que o país tem poucos técnicos. Só peço as mesmas oportunidades que se dão a quem estudou menos.”

Eva queria ter a oportunidade de aprender mecânica, área que foi sempre o seu sonho, mas que não se atreveu a seguir, com tanto conselho que recebeu em sentido contrário.